

Militância e Design na era das plataformas virtuais: uma análise semiótica da "memeficação" do engajamento político

Vinicius Cabral Ribeiro (UEMG, Brasil)
viniciuscabralribeiro@gmail.com

Juliana Rocha Franco (UEMG, Brasil)
julianarochafranco@gmail.com

Militância e design na era das plataformas virtuais: uma análise semiótica da “memeficação” do engajamento político

Resumo: O artigo investiga, a partir da semiótica peirceana, a produção de sentidos de imagens que possuem um propósito político ou social explícito, que representam a base de um certo engajamento político virtual. Tais imagens são reproduzidas em larga escala nas atuais redes sociais, a partir de perfis institucionais ou individuais, e atingem métricas de engajamento consideráveis. Parte-se da hipótese de que os efeitos desta militância virtual tornam as imagens de engajamento dependentes dos mesmos dispositivos semióticos que caracterizam, por exemplo, os memes. O design das plataformas digitais, intensamente dependente de uma estrutura comunicacional baseada no feedback e na assim chamada “economia da atenção”, é analisado na demonstração de como as interações virtuais operam em uma lógica de reforço de ideias. Para atingir tal reflexão, o estudo analisa um post militante que se manifesta como um meme. Como conclusão, o trabalho pretende avaliar como a assim chamada viralização de causas políticas e sociais sofre um processo de “memeficação”, encontrando limitações em um processo retroalimentado de disputas virtuais supostamente polarizadas, ao mesmo tempo em que, engrossando o coro de um descontentamento com os sistemas hegemônicos de poder, podem produzir estratégias de desidentificação e resistência política.

Palavras-chave: Design Gráfico, Semiótica, Política, Meme, Redes sociais.

Militancy and Design in the social platforms era: a semiotic analysis of the “memefication” of political engagement

Abstract: *The article investigates, from Peirce’s semiotics, the production of meanings of images that have an explicit political or social purpose, which represent the basis of a certain virtual political engagement. Such images are reproduced on a large scale in current social networks, from institutional or individual profiles, and reach considerable engagement metrics. It starts with the hypothesis that the effects of this virtual militancy make engagement images dependent on the same semiotic devices that characterize, for example, memes. The design of digital platforms, heavily dependent on a communicational structure based on feedback and on the so-called “attention economy”,*

is analyzed in the demonstration of how virtual interactions operate in a logic of reinforcing ideas. To obtain such reflection, the study analyzes a political social media post that manifests itself as a meme. In conclusion, the work intends to evaluate how the so-called viralization of political and social causes suffers a process of “memefication”, finding limitations in a feedback process of supposedly polarized virtual disputes, at the same time that, swelling the chorus of discontent with hegemonic systems of power, can produce strategies of disidentification and political resistance.

Keywords: *Graphic Design, Semiotics, Politics, Digital Culture.*

1. Introdução

No cenário contemporâneo, onde as redes sociais e a mídia moldam nossa compreensão do mundo, surgem fenômenos complexos que demandam uma análise cuidadosa a qual as lentes do design tem muito a contribuir. A utilização de memes como uma lente para examinar as emergências do presente proporciona uma compreensão vívida e acessível e torna possível desvendar camadas de significado, explorar a interação entre diferentes discursos e entender não só como as ideias são disseminadas e transformadas na era digital, mas também os processos de construções e deslocamentos de produção de subjetividades, que são ora forjados por “identidades fixas”, ora possibilitam experimentações que abrem possibilidades na construção de uma “desidentificação aditiva”.

Dois conceitos importantes nesse contexto são “*Selfie Politics*” e “desidentificação”. O primeiro se refere à mercantilização das identidades individuais e políticas nas plataformas digitais, o que também constitui um certo tipo de perfil identificado neste estudo como “perfil militante”. Por “perfil militante” o estudo se refere a uma tipificação geral formada por perfis em redes sociais dirigidos por: partidos políticos, organizações sociais políticas da sociedade civil, perfis jornalísticos de vieses críticos e perfis de memes, ilustrações e outros tipos de expressões de cunho militante voltados à pautas consideradas “progressistas”, ou de esquerda. Em subitem à frente (1.1.2) estas subdivisões de um tipo geral (“perfil militante”) são melhor desenvolvidas.

Diante do cenário de perfis sociais apresentados, é importante notar que, no âmbito da “*Selifie Politics*”, memes podem ser entendidos como uma forma de expressão política descentralizada. Indivíduos utilizam e adaptam memes para transmitir suas posições sobre emergências sociais, destacando como as preocupações contemporâneas são internalizadas e canalizadas em ações políticas por meio da cultura digital. Memes frequentemente subvertem narrativas dominantes e introduzem novas perspectivas. A “*Selfie Politics*”, como delineada por Moeller (2021), descreve a tendência contemporânea de transformar posições políticas em formas de autopromoção e expressão nas redes sociais. Segundo Moeller (2021), vivemos uma época de mercantilização dos indivíduos. O que inclui a transformação de posicionamentos políticos, ou causas, em matéria de autopromoção. Não se trataria apenas de narcisismo, inclusive, uma vez que as causas políticas passam a integrar o repertório qualitativo de indivíduos que demonstram seu engajamento através de imagens de cunho espetacular-individualista.

Estas imagens agregam-se a um conjunto de valores que, na economia da atenção das redes sociais (Bentes, 2021), integram o valor social, mas também econômico, de um determinado indivíduo (com suas causas

meticulosamente expressadas e monetizadas pelas plataformas virtuais). Nesse contexto, as causas políticas muitas vezes são estilizadas para se encaixarem nas normas estéticas das plataformas digitais, visando obter visibilidade e engajamento. Isso pode levar a uma superficialidade nas discussões políticas, onde a autenticidade das causas e das identidades é comprometida em prol da busca por reconhecimento social e visibilidade virtual. O “*Selfie Politics*” nos chama a refletir sobre como a política está sendo redefinida em termos de autopromoção e engajamento superficial, o que pode distorcer a verdadeira natureza das lutas sociais e políticas.

Por outro lado, o segundo conceito, o de “desidentificação” como proposto por teóricos como José Esteban Muñoz (1999), sugere uma estratégia de resistência contra as identificações simplistas e normativas que são impostas a nós. A desidentificação envolve uma apropriação crítica das identidades atribuídas, transformando-as em algo subversivo e ambíguo. Em vez de aderir passivamente às categorias identitárias convencionais, indivíduos que se desidentificam rejeitam a homogeneização e afirmam sua complexidade e singularidade. Essa tática desafia os discursos de poder que buscam enquadrar as identidades em categorias rígidas mercantilizadas e revela as contradições e ambiguidades subjacentes às normas sociais.

A conexão entre “*Selfie Politics*” e “desidentificação” se torna clara quando consideramos como as identidades políticas são forjadas e contestadas nas redes sociais. As plataformas digitais muitas vezes reforçam as identidades pré-estabelecidas e incentivam a adesão a categorias simplificadas. A utilização de memes como uma lente para examinar as emergências contemporâneas proporciona uma compreensão vívida e acessível dessas questões prementes. No cenário cultural atual, as fronteiras entre design, arte e arquitetura extrapolam as práticas estéticas, transformando-se em expressões culturais e políticas. Essa transformação encontra uma ressonância convincente no âmbito dos memes. Essa abordagem desafia as noções convencionais de identidade e oferece uma visão mais fluida e inclusiva. Ela reconhece que as pessoas podem carregar múltiplas identidades que não se limitam a categorias predefinidas, e que essas identidades muitas vezes se sobrepõem e interagem de maneiras diversas.

A proposta deste artigo é, então, apresentar uma análise semiótica peirceana que discute um *post*, que se manifesta semioticamente como meme, e suas interações nos comentários. O trabalho persegue, assim, os efeitos de sentido que se desencadeiam a partir do *post* e como o signo funciona, abrindo possibilidades tanto para a mercantilização da causa política representada nas redes sociais, com foco na tendência chamada de “*Selfie Politics*” ou “Política-Selfie”, quanto para a desidentificação. A partir das conclusões

da investigação semiótica, o estudo pretende também considerar se o conceito de desidentificação se associa (se anulando, ou criando ambivalências) ao fenômeno da “Política-Selfie” que, como destacado, tende à superficialidade e ao desvirtuamento do engajamento político efetivo.

1.1 Política-Selfie e desidentificação: o engajamento virtual dos sujeitos

Com frequência, as plataformas digitais fortalecem identidades já estabelecidas e encorajam a adesão a categorias simplificadas. Entretanto, eventualmente, é possível observar também a existência de manifestações nas quais sujeitos minoritários se engajam a fim de sobreviver em ambientes especialmente inóspitos, ao mesmo tempo em que trabalham para subvertê-los. Portanto, tanto como um arcabouço teórico quanto como uma prática performativa, a desidentificação se apresenta como uma ferramenta especialmente importante para compreender outras camadas de significados e efeitos possíveis dos memes, ou *posts* de engajamento político que se manifestam como tais.

A desidentificação é uma prática de performance caracterizada por contornar os padrões de identidade hegemônicos e já naturalizados, utilizando-os para desenvolver abordagens de identificação alternativas. A desidentificação representa um método de enfrentamento das ideologias dominantes no qual, ao vez de se integrar ou se opor rigidamente a elas, atua de maneira simultaneamente consonante e contrária. Utilizar a imagem de um objeto normalizado para infundir-lhe um novo significado e transmitir uma mensagem sobre valores individuais, identidade ou ética, constitui um método estratégico para expressar e reagir às subjetividades confinadas a estruturas de poder. O exemplo visual a seguir (Figura 1) explicita a definição, ao revelar um signo tradicional da cultura pop infundido com novos significados que, neste caso, apontam para uma crítica ao modelo econômico dominante no Brasil atualmente.



FIGURA 1. Meme da página de Instagram Meme expropriados. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CztaKUFKrje/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>, Acesso em 21 de novembro de 2023

Conforme afirma Muñoz (1999, p. 31), desidentificação é sobre reciclagem e repensar o significado codificado. O processo de desidentificação embaralha e reconstrói a mensagem codificada de um texto cultural de uma forma que expõe as maquinações universalizantes e excludentes da mensagem codificada e recircula seu funcionamento para explicar, incluir e capacitar identidades e identificações de minorias. Assim, a desidentificação é um passo além de abrir o código da maioria; passa a usar esse código como matéria-prima para representar uma política ou posicionalidade sem poder que foi tornada impensável pela cultura dominante.

A análise semiótica desses fenômenos revela múltiplas camadas de significado. O estudo parte da compreensão de que a imagem nas redes sociais é um signo que transcende seu valor estético, representando e sendo afetado por objetos do mundo real. A semiótica permite analisar o meme no processo de construção de identidade para além do debate essencialista vs. anti-essencialista, permite compreender a identidade “como um local de luta onde disposições fixas se chocam com definições socialmente constituídas” (Muñoz, 1999.p.6).

À maneira de Santaella et al (2011), trata-se aqui de olhar para um processo de linguagem frente a frente e ir «desfolhando passo a passo suas camadas de sentido e sua densidade de significações». Nesse sentido observamos que,

como camadas de sentido, um mesmo signo pode produzir efeitos aparentemente opostos como, por um lado, a diluição do propósito das respectivas causas em um individualismo estético, central da *Política-Selfie*. Qualquer que seja a causa política, é a posição do indivíduo (de sua arte, ou de sua própria imagem) que se destaca. Por outro lado, de acordo com Muñoz, (1999, p.5) “A ficção da identidade é aquela que é acessada com relativa facilidade pela maioria dos assuntos majoritários. Os sujeitos minoritários precisam interagir com diferentes campos subculturais para ativar seus próprios sentidos de si mesmos”

Portanto, a tendência descrita não se restringe ao indivíduo auto-midiatizado com seu próprio dispositivo de produção de imagens. E o conceito de desidentificação pode contribuir para o desenvolvimento de entendimentos mais dinâmicos e complexos das ‘identidades’ que se forjam nas semioses das redes sociais, e em especial através dos memes. Dessa forma, o estudo apresenta duas camadas contraditórias no objeto de análise: Política-Selfie e desidentificação. A proposta é trabalhar, conforme afirma Muñoz, “precisamente no ponto em que os discursos de essencialismo e construtivismo fazem curto-circuito” (Muñoz, 1999, p. 6). A análise semiótica de uma imagem de perfil militante no *Instagram* torna-se central para o estudo, uma vez que a semiótica consegue apontar exatamente os objetos os quais os signos representam, e os interpretantes possíveis.

Para comprovar que a imagem produz um certo tipo de interpretante específico (consensual e aceito por uma comunidade), será necessário também analisar o discurso dos internautas na caixa de comentários do *post* que abriga a imagem, para se provar (ou rejeitar) a hipótese de que esse discurso se baseia nas semioses de secundidade, demonstrando apenas o reforço de padrões de pensamento pré-estabelecidos, e validando o perfil social do autor do *post*.

1.1.2 O perfil militante: posts e páginas de redes sociais

Em relação ao termo “perfil militante”, é necessário qualificar que tipos de perfis podem ser enquadrados neste tipo geral. Analisando-se o ecossistema de perfis digitais alinhados a uma política progressista (ou de esquerda e esquerda-liberal¹), é possível notar que existem três tipos de perfis: 1. perfis oficiais de partidos políticos, organizações da sociedade civil (*ONGs*, movimentos sociais, cooperativas, etc) e de personalidades políticas (com ou

1 Lista de blogs e portais alternativos de notícia e opinião política alinhados, genericamente, à esquerda: https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/aula_8-lista_de_blogs_e_portais.pdf.

sem cargos efetivos); 2. perfis de caráter jornalístico e noticioso, que apostam também em conteúdos opinativos e militantes; 3. perfis de conteúdos supostamente espontâneos, tais como memes, vídeos-virais, ilustrações, sátiras, etc.

Da primeira categoria, é possível afirmar que alguns partidos políticos e movimentos sociais (casos, por exemplo, de PT e MST) utilizam recursos privados, ou de fundo eleitoral, no caso dos partidos, para a manutenção de uma gestão profissional permanente de redes sociais. Boa parte dos casos identificados por este estudo possuem uma rotina de publicações constante e forte padronização nas peças gráficas divulgadas. A segunda categoria também recorre a financiamentos privados, e mantém a mesma lógica de manutenção permanente de conteúdos, com padronização gráfica. É a partir da terceira categoria, portanto, que se identificam características supostamente orgânicas, destinadas a produzir nos espectadores a sensação de espontaneidade e liberdade editorial. Embora isso possa ser ilusório, interessa, por ora, eleger a terceira categoria de perfil militante como mais adequada à análise que se segue.

Dentre estes perfis supostamente espontâneos, há muitos que se apresentam como vitrines de artistas gráficos e designers. São perfis de artistas como Laerte Coutinho² e Cristiano Serqueira³, dentre muitos outros, que utilizam suas páginas nas redes sociais para divulgar seus trabalhos. Nota-se, no entanto, que seus *feeds* acabam distanciando-se do objetivo de divulgar o trabalho artístico, servindo como referências de uma espécie de “arte-viral”. Cristiano Siqueira, autor da ilustração que será estudada a seguir, produz ilustrações que atingem altas marcas de compartilhamentos, curtidas e interações. A página do ilustrador no *Instagram* possui mais de 120 mil seguidores, e milhares de curtidas em cada *post*. O artista foi responsável por imagens que se notabilizaram pela viralização intensa, em períodos de disputas políticas marcadas pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Cristiano também engajou-se fortemente na campanha eleitoral de 2022, e hoje já produz peças (muito provavelmente pagas⁴) para o atual Governo Federal, comandado por Luís Inácio Lula da Silva.

É um dos *posts* de Cristiano Siqueira que será estudado a seguir. Trata-se de uma imagem produzida na esteira da chacina do Jacarezinho, ocorrida em

2 Home page oficial: <https://laerte.art.br/>

3 Portfolio oficial: <https://crisvector.myportfolio.com/>

4 Esta pesquisa não encontrou evidências de que tais peças sejam comercialmente encomendadas pelo Governo Federal

6 de maio de 2021. Na ocasião, uma operação da Polícia Civil resultou em 29 pessoas mortas. Nem todas, obviamente, associadas ao crime organizado. O caso teve repercussão internacional, sendo a ação policial condenada por diversas organizações ligadas aos Direitos Humanos. Até hoje, trata-se da ação policial mais letal da história da cidade do Rio de Janeiro. Imediatamente, o caso passou a ter repercussão na internet, com as disputas polarizadas que caracterizam a comunicação nas redes. O *post* estudado a seguir foi publicado apenas um dia após o acontecido, alcançando até a presente data⁵, 25.096 curtidas, e 257 comentários.



FIGURA 2. Ilustração Cris Vector. Fonte: Instagram @crisvector⁶

2. Análise semiótica

A análise será feita a partir do *post* referido anteriormente. Dele, foi retirada a ilustração que o compõe (figura 3). O primeiro passo da análise é identificar a imagem em questão como um signo, sob a ótica da semiótica peirceana. Para Peirce (CP, 2228), o signo é um *representamen*, que representa algo para alguém (em alguma medida ou capacidade), e que cria em sua mente outro signo, mais desenvolvido (um interpretante). Esta ordem apontada na definição já apresenta a estrutura triádica do signo-objeto-interpretante.

5 Post: <https://www.instagram.com/p/COkjVLDld2T/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 9 de março de 2023.

6 Link: <https://www.instagram.com/p/COkjVLDld2T/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 9 de março de 2023.

A partir desta tricotomia geral, Peirce encontra 10 classes de signos, e os divide em relações de primeiridade (o signo em si), secundidade (o signo em relação ao objeto) e terceiridade (o signo em relação ao interpretante).

A análise considera, portanto, as ordenações triádicas e as classes de signos, para construir um percurso que parte das definições do signo nas dimensões: 1. Qualitativa-icônica: possibilidades de sentidos; 2. Singular-indicativa: indicações; 3. Convencional-simbólica: crítica e argumento. Para embasar a análise proposta é necessário, antes, ressaltar o contexto que possibilitou a produção e difusão da imagem.

2.1 O post como signo

O *post* refere-se a dois elementos externos importantes: a ação policial na favela do Jacarezinho e a capa do single “*Girl From Rio*” da cantora Anitta, lançado dias antes do ocorrido na favela do Jacarezinho. Enquanto o primeiro elemento parece ser o principal objeto o qual o post pretende destacar, é o segundo que se destaca, em função das propriedades estéticas da imagem que suscitam a todo tempo a referência, como em uma espécie de sátira política. O ilustrador utiliza as mesmas cores que se encontram na capa do single, e segue um padrão realista de representação, traduzindo em ilustração a montagem fotográfica da imagem original referida.

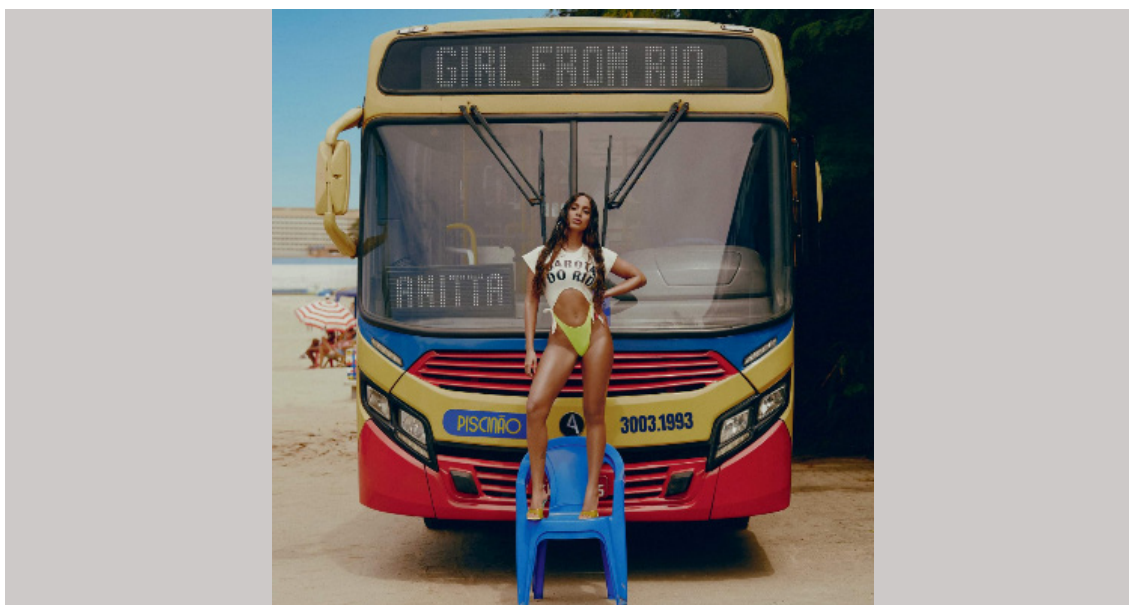


FIGURA 3. Capa do single de “*Girl From Rio*”, de Anitta. **Fonte:** Wikipedia⁷

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Girl_from_Rio

2.1.1 Qualisigno icônico: Possibilidades de sentido

O primeiro exercício a ser empreendido na análise do signo (figura 3) é o de identificar suas qualidades constitutivas. Deve-se buscar um olhar anterior a qualquer tipo de definição, para a apreensão das propriedades mais elementares da imagem. O Qualisigno, para Peirce (1903), é o signo que é uma qualidade. Em relação ao objeto, o Qualisigno compõe o Ícone, que é o signo que representa seu objeto por semelhança. São as qualidades básicas, portanto, que orientam a definição do Qualisigno para o posterior apontamento dos objetos.

Nota-se, a partir disso, que a imagem é composta por um fundo vermelho chapado. Há um objeto ilustrado centralizado na imagem (uma espécie de veículo, com um grande painel e a parte dianteira), nas cores azul, vermelha, preta e amarelo mostarda. O objeto ilustrado apresenta ícones tipográficos, em fonte branca pontilhada, no alto e no painel. O painel do objeto central possui 8 buracos. Na frente do objeto central, também ilustrado, há um objeto menor azul, com manchas vermelhas que “respingam” na superfície do objeto central. Os dois objetos ilustrados dividem o primeiro plano da imagem, ambos centralizados sob o fundo vermelho. Na parte inferior da ilustração vê-se uma mancha preta.

Em relação aos objetos, nota-se que cada um dos qualisignos descritos acima se comportam como ícones, representando algo por similaridade. O objeto central assemelha-se a um ônibus, com uma sombra preta no chão. O objeto menor, centralizado, representa uma cadeira. Os buracos no painel assemelham-se a marcas de tiros. O vermelho na cadeira assemelha-se a manchas de sangue. Enquanto os elementos mais delineados da ilustração representam objetos a princípio evidentes, há elementos de pura qualidade na imagem, como o fundo vermelho chapado, que parece apenas apresentar uma possibilidade muito ampla de leitura, não sendo um signo diretamente associado a um objeto específico. É importante lembrar que, por se tratar de uma ilustração, em teoria há a predominância da iconicidade, já que toda ilustração representa algo por semelhança, e este algo não é necessariamente um existente. Neste sentido, para que os qualisignos se corporifiquem e representem algo objetivamente, eles deverão ser analisados, no próximo item, na secundidade, como existentes.

Em relação aos interpretantes, prevalece na primeiridade uma abertura de sentidos. Os signos remáticos, que partem de uma mera conexão qualitativa e aberta no Qualisigno Icônico Remático, representam uma abertura em relação aos interpretantes que podem ser associados ao signo central analisado. Afastada de seu contexto específico de publicação e das referências que orientam sua leitura, a ilustração é uma possibilidade, que pode induzir

os intérpretes a diversas conclusões diferentes. Prevalece na primeiridade, portanto, a potência de sentidos suscitada pelo traço realista da ilustração, pelas cores e pela disposição dos objetos na imagem.

2.1.2 Sinsigno indicial: Indicações

O Sinsigno, para Peirce (1903) é o existente que é um signo. É uma coisa ou evento existente, portanto, que atua como signo. O Sinsigno é formado por qualisignos, que o compõem em sua corporificação. Neste caso, o existente é a própria imagem: a ilustração, apresentada em um *post* de rede social. Em relação ao objeto, este Sinsigno apresenta o Índice. O Índice representa um objeto por ser efetivamente afetado por ele, e neste sentido, é integrado pelos ícones citados no item anterior. O Índice não representa, no entanto, seus objetos por semelhança, mas por ser afetado por eles. O que significa dizer que os elementos indiciais da imagem servem apenas como indicativos gerais de seus objetos, uma vez que eles podem se associar tanto à referência original (a capa do single da cantora Anitta) quanto à tragédia ocorrida no Jacarezinho.

Os existentes indiciais, portanto, são: o veículo ilustrado; as indicações dos visores no painel (“Jacarezinho”, que se refere ao local e “25”, que se refere à quantidade de vítimas identificadas até então⁸); a cadeira com sangue; os buracos de bala. Todos estes índices são afetados pelo evento ocorrido no Jacarezinho, enquanto a ilustração é, generalizadamente, um Índice afetado por outro objeto existente (a capa do single). Este “duplo vínculo” garante ao signo uma ambiguidade, uma vez que ele se refere, indicialmente, a dois objetos existentes. A resolução desta ambiguidade só se dará quando da análise dos interpretantes. Em relação a estes, se predomina, na primeiridade, a abertura de sentidos possibilitada pelos elementos qualitativos (interpretantes remáticos), na secundidade as indicações são determinantes em se apontar um existente real. O signo dicente será responsável por afirmar algo em relação aos objetos referidos pelos sinsignos indiciais. Este algo, entretanto, só poderá ser analisado no contexto da recepção do signo. Isto é, na análise de como a imagem do *post* é interpretada em seu âmbito afirmativo, pelos usuários de internet que estruturam seu contato com ele através do *Instagram*.

2.1.3 Legisigno simbólico: Crítica e argumento

A imagem analisada apresenta uma série de signos convencionados. Tais signos são os lesiginos, ou signos que são leis estabelecidas por convenção.

8 Até a data de publicação do post, 7 de maio de 2021.

É o caso da ilustração central, que representa, por convencionalidade, um ônibus, e do objeto menor, que representa, também por convenção, uma cadeira. No signo em relação ao objeto, observa-se que o Símbolo representa seus objetos por virtude de leis e associações gerais, que vinculam sua interpretação a outros signos já convenionados. No exemplo estudado, a imagem de referência (figura 4) atua como Símbolo, e também o ônibus do modelo Apache Vip IV, da auto viação Jurema, um elemento comum e facilmente identificável para os moradores da cidade do Rio de Janeiro⁹. Os escritos no painel do ônibus também representam convencionalidades ligadas aos *layouts* de linhas de ônibus urbanas, e atuam como legisgnos. O signo geral (figura 3) é composto, portanto, de legisgnos simbólicos, que carregam associações com contextos externos.

A terceiridade também se manifesta na forma como estes legisgnos e símbolos se conectam a outras classes de signos para a construção de possibilidades e indicações (respectivamente em primeiridade e secundidade). É o caso do Legisigno Simbólico Remático, que irá criar associações entre os contextos para produzir uma abertura de sentidos apenas no interpretante, e do Legisigno Simbólico Dicente, que irá indicar uma determinada afirmação e fazer com que o signo se manifeste como uma proposição em determinado contexto de recepção. Em relação aos interpretantes, para adquirir terceiridade, é necessário que o signo seja decomposto e analisado em um processo crítico e argumentativo, fato que não se verifica, como se verá a seguir, na análise das caixas de comentários do *post*.

É importante também ressaltar que, independentemente da alusão que o signo faz à capa do single de Anitta, é possível que intérpretes que não carreguem esta referência atenham-se exclusivamente à referência que o signo traz à chacina do Jacarezinho. Destaca-se aí que são os sinsgnos indiciais que se apresentam como determinantes, uma vez que a ilustração refere-se a seus objetos por indicação, apontando para os existentes que determinam a leitura. A associação da figura 3 com a temática da violência urbana não surge do contato «isolado», orientado pelas qualidades da imagem, mas em uma relação de indicação (na secundidade, portanto). A terceiridade só é determinante quando se conjuga aos dicentes no interpretante, para revelar os legisgnos simbólicos que produzem as associações com os contextos apresentados (os eventos aos quais o signo se refere). Decodificados estes contextos, a imagem, disposta em um *post* específico no *Instagram*, condiciona

9 Curiosidades dos bastidores que revelam a locação e o aspecto simbólico do modelo específico de ônibus: <https://onibusetransporte.com/2021/04/27/cenario-de-foto-de-single-de-anitta-frente-de-apache-vip-iv-viraliza-na-internet/>. Acesso em 13 de abril de 2023.

sua leitura e transmite uma afirmação de tipo particular, que associa os contextos referidos icônica e indicialmente ao absurdo da violência urbana. Essa temática central é, portanto, o dicente que foi indicado no item anterior. O signo parece se revelar como uma espécie de mensagem de protesto, por se referir (ainda que apenas a partir de associações convencionadas) à estupefação diante de uma chacina policial. A seguir, a análise dos comentários do *post* pretende reforçar a presente descoberta.

2.2 Comentários de rede social: reforço de ideias e signo dicente

Pretende-se aqui mostrar como os interpretantes apresentados pelos comentaristas reforçam a informação que o signo transmite. À primeira vista, é feita uma associação do signo com o horror da violência urbana e das ações policiais. Temáticas como a do racismo e da arbitrariedade da “guerra às drogas” também entram em pauta. Seja como for, o *post* parece ativar, como descrito anteriormente, uma associação muito direta, que não demonstra nuances interpretativas por parte dos comentaristas. Até a presente data (março de 2023), registam-se 257 comentários, divididos em 3 tipos. O tipo 1 é de “reforço”: trata-se de mensagens que validam a ilustração, com emojis, elogios ao autor ou reforço ao absurdo que o signo supostamente denuncia. O tipo 2 é “contraditório”: trata-se de comentários que zombam da ideia de chacina, relativizando a violência perpetrada pela polícia. O tipo 3 é “aleatório”: trata-se de marcações de outros perfis, ou comentários totalmente descolados da temática exposta pelo *post*. O gráfico abaixo (figura 5) organiza as ocorrências: “reforço”- 216 ocorrências; “contraditório”- 4 ocorrências; “aleatório”- 37 ocorrências.

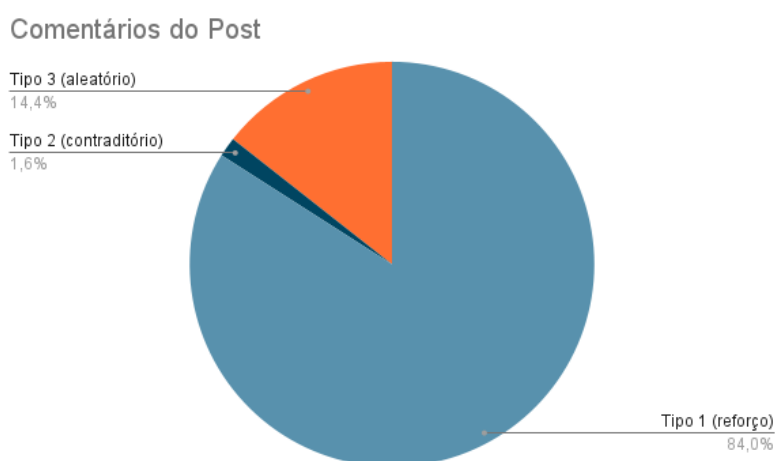


FIGURA 4. Gráfico pizza de organização das ocorrências. **Fonte:** Os autores)

Nota-se que a enorme maioria dos comentários serve como validação de uma interpretação praticamente consensual: a de que o signo representa uma mensagem que revela o absurdo da violência policial, como hipotetizado. Neste sentido, mesmo os comentários do tipo “contraditório” validam a interpretação, uma vez que reconhecem a violência policial, mas a defendem. A ideia, portanto, de se tratar de uma imagem de protesto em relação a uma situação absurda, violenta e desnecessária, se destaca nas interpretações observadas, por sua vez, a partir de outros signos. Percebe-se aqui um ciclo de semioses de secundidade. O post transmite aos comentadores uma mensagem específica, à qual se reage, em geral, de maneira redundante, com outras mensagens: apoio ao artista, emojis que representam tristeza, estupefação ou acerto do artista, etc. O caso dos emojis é interessante, pois revela que símbolos icônicos podem atuar como índices dicentes, indicando concordância com a mensagem transmitida pelo signo naquele contexto.

O dicisigno é, para Peirce (1904), uma espécie de proposição, que pode ser verdadeira, falsa ou sem sentido. No percurso dos interpretantes analisados, a própria separação dos comentários em três tipos revela alinhamento às definições teóricas do signo dicente: os comentários funcionam como “reforço” (verdadeiro), “contraditório” (falso) ou “aleatório” (sem sentido). Parece haver, na leitura de uma imagem no contexto da rede social analisada, apenas uma opção de interpretante (o dicente), que reduz as demais leituras possíveis a três opções bastante delimitadas. Embora existam 4 comentários que fazem alusão ao single de Anitta, estes funcionam como reforços, pois consideram a apropriação dos elementos estéticos do Símbolo (a capa do single) como inteligente e apropriada. Estes comentários transparecem a ideia de que o artista teria se utilizado de uma peça que representa a cidade do Rio de Janeiro para mostrar a “verdadeira” cidade, marcada não por signos da cultura *pop*, mas por signos que representam a violência urbana.

2.2.1 As limitações e contradições do *post militante*

Eis porque o *post* militante pode reduzir a complexidade dos fenômenos ao utilizar referências “fechadas”. O single de Anitta, que se utiliza de sampler de “Garota de Ipanema”¹⁰, traz em sua capa elementos de um Rio de Janeiro suburbano, com referência ao Piscinão de Ramos e às linhas de ônibus que percorrem os bairros mais pobres da cidade. O título da música em inglês ajuda a construir, juntamente com a letra da própria canção, a ideia de ex-

10 Até hoje, a segunda canção mais gravada do mundo. A obra, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, tornou-se um Símbolo brasileiro internacionalmente reconhecido. <https://oglobo.globo.com/cultura/garota-de-ipanema-a-segunda-cancao-mais-tocada-da-historia-4340449>.

portação de um Rio de Janeiro bem mais “real”, e diferente daquele ingenuamente idealizado por Vinícius de Moraes e Tom Jobim. Ainda que não se reconheça na canção tal potência interpretativa, a imagem que compõe a capa do single é acertada na missão de propor novos símbolos para a capital fluminense, já demasiadamente representada pelas belezas que circundam as áreas mais nobres da cidade, e pela violência que se associa às menos nobres. A complexidade deste contexto é totalmente descartada pela ilustração analisada, que parece transformar símbolos que a capa do single tenta promover como tradicionais (e quem sabe até turísticos) em representações de uma violência, supostamente inata e inescapável ao subúrbio do Rio de Janeiro.

Além disso, nota-se que, ao se vincular por força das convenções ao evento na comunidade do Jacarezinho, a ilustração apresenta uma ambivalência fundamental. A imagem se apropria das cores relativamente festivas e claras da capa do single. Não fossem alguns índices vinculativos fortes (como as marcas de tiro e as manchas de sangue), seria possível para qualquer intérprete encarar a imagem até com uma certa sensação de leveza. Mesmo o fundo vermelho, provavelmente escolhido para dar um “peso” à imagem, associando-a ao sangue derramado na chacina, poderia abrir espaço para outras sensações e interpretações, em função do impacto que a cor exerce como Qualisigno. Os traços arredondados da ilustração também operam como qualisignos que poderiam facilmente levar o intérprete a outras conclusões, de caráter positivo.

Nota-se que são os elementos vinculativos que permitem a quase unanimidade de leitura observada nos comentários. Transformar os legisignos simbólicos e qualisignos icônicos em dicentes vinculativos parece ser a grande função da peça analisada, que enquanto *post* de protesto funciona tão bem quanto uma frase de efeito: associa-se ao objeto desejado, mas de maneira tão superficial que não é possível sequer propor uma leitura alternativa, ou uma ação vinculada que transforme o contato com o signo em uma experiência efetivamente política. A função da peça parece ser exclusivamente a de reforçar a indignação diante da ação policial do Jacarezinho, excluindo dos interpretantes qualquer tipo de juízo crítico que permita ao intérprete adquirir conhecimento emancipatório sobre o evento ocorrido.

O signo se comporta, assim, como um conteúdo viral semelhante a um meme, acessando ideias pré-determinadas aceitas por uma audiência organizada virtualmente. O que delimita as leituras são as semioses: o repertório de um determinado grupo de intérpretes, que se depara com o signo em um contexto que não deixa espaço para ações de ordem política. O reforço, que se configura em aceitação à mensagem, é obtido pelo menos através de duas instâncias existentes na rede social analisada (*Instagram*): os *likes*

(que chegam às dezenas de milhares) e os comentários de reforço (que representam, como demonstrado, mais de 80% das interações registradas no *post* textualmente). O que define um *post* viral é justamente a capacidade que ele apresenta de acumular interações. Embora essas métricas não sejam publicamente divulgadas, imagina-se que um *post* performa melhor (isto é, aparece mais vezes para mais usuários) quanto mais interações de reforço ele consegue acumular em menos tempo.

Sob qualquer tipo de métrica, é possível admitir que o *post* estudado é bastante aceito. Funciona, através das referências que faz, como um signo que se vincula a eventos controversos e atuais. Publicado no calor da chacina do Jacarezinho e do lançamento do single de Anitta, o *post* se beneficia da imensa repercussão que os eventos tomaram, na “disputa” algorítmica que caracteriza o acesso às mensagens em uma rede social. Outra evidência do vínculo são as *hashtags* utilizadas no texto do *post*¹¹. Em tese, a busca por determinadas palavras-chave reúne *posts* que se referem a um mesmo tema ou evento. Apesar deste vínculo, curiosamente, o comentário que parece em destaque quando se acessa o *post* sem estar “logado” na plataforma é um do tipo “contraditório”, e revela claramente a polarização produzida por este tipo de conteúdo nas redes. O comentário, do usuário **dosanjos87**, diz: “Traficante bom, é traficante no inferno. Tá com pena leva pra casa e cria” (sic).

Como os comentários de tipo “contraditório” representam apenas 4 dos 257 do *post*, é curioso que seja exatamente este o comentário destacado pela plataforma. Certamente, ele não se destaca dos demais por relevância em um contexto que, massivamente, endossa a mensagem transmitida pela publicação. É cabível inferir que a plataforma, cujos critérios de ordem de visualização não são claros, prioriza o contraditório ao apresentar publicações para usuários não identificados com uma conta registrada. Daí a sensação de que a polarização política, muitas vezes referida por analistas como uma das crises da política nacional atual¹², pode ser de alguma maneira inflada, ou superficialmente destacada pelos próprios algoritmos das redes. Todo este contexto contribui para a recepção acrítica do *post*. As suas intenções políticas, de alguma maneira, perdem-se em meio a um processo viciado de produção e recepção de conteúdos.

11 Texto do *post*: "Chacina em Jacarezinho com 25 mortos. #brasil #riodejaneiro #chacina-dojacarezinho #chacina #jacarezinho #crime #direitoshumanos #designativista"

12 É necessário combater o "clichê" da polarização, com dados concretos, como no artigo: https://www.cesop.unicamp.br/vw/1I8LyTqswNQ_MDA_32722_/6.%20Existe%20Polarizacao%20no%20Brasil.pdf.

No entanto, apesar do reforço produzir, por um lado, um esvaziamento do debate e uma suposta inocuidade de ação política efetiva, há que se destacar que as marcas de engajamento associadas ao *post* revelam um “coro” convergente em relação à mensagem supostamente veiculada por ele. Isto é, para a plataforma (o *Instagram*) o conteúdo de Cristiano Siqueira representa apenas uma mercadoria portadora de métricas de engajamento, que são transformadas pela empresa em valor. Por outro lado, os leitores (usuários da plataforma que se engajam com o *post*) apresentam em seu reforço uma solidariedade em relação à chacina a qual a ilustração do designer alude. Nesta contradição, é explícita uma ambivalência, que revela que o *post* militante, mesmo quando perde seu efeito combativo e de crítica efetiva, ainda assim é capaz de engajar milhares de sujeitos sensibilizados por situações políticas corriqueiras e revoltantes acontecidas no Brasil todos os anos. Seria o caso, portanto, de uma espécie de desidentificação, revelada por ações digitais perpetradas pelos usuários para manifestar descontentamento diante de situações de opressão. Neste sentido, compreende-se como o conceito de Muñoz (1999), ao menos idealmente, se manifesta no engrossar do coro de um público que deseja manifestar sua indignação a partir do consumo e do compartilhamento de conteúdos que possuam uma intenção crítica. Ainda que a crítica não seja, exatamente, obtida pelo autor na imagem analisada.

3. Considerações Finais

Embora os critérios de *rankeamento* e priorização de conteúdos na plataforma estudada sejam parcialmente desconhecidos, é possível observar alguns efeitos práticos a partir da análise. A referência a temas de repercussão social acentuada parece ser determinante para o sucesso de uma publicação. Mas também a *forma* do conteúdo, com as propriedades semióticas e semioses proporcionadas, é fundamental para obtenção de uma comunicação efetiva, com aderência por parte de uma audiência. Esta aderência, que se revela em forma de concordância, faz parte da construção do perfil social do autor do *post* viral. Cabe lembrar que a publicação faz parte do perfil de um ilustrador e “designer ativista” (como ele próprio se denomina), que possui um público coeso e numeroso dentro da plataforma estudada, o que pode contribuir para que suas publicações sejam entregues com mais frequência na lógica algorítmica do site.

Tudo isso se conecta com o conceito, ainda incipiente, de Política-Selfie. A ideia-conceito não diz respeito exclusivamente ao retrato narcisista de um indivíduo diante de um protesto político, mas à reverberação de temas políticos a partir de uma espécie de espetacularização individual, que parte de perfis reconhecidos e utiliza linguagens amplamente aceitas. Um

elemento importante a se destacar, a esta altura, é como o artista analisado utiliza a rede para alimentar, justamente, um perfil social, que existe exclusivamente para aquela plataforma (no caso, o *Instagram*). Uma observação dos trabalhos do artista revela que seu *portfolio*¹³ é bastante diferente de seu *feed* na rede. Como ilustrador, Cristiano Siqueira é um profissional consolidado, tendo trabalhado para grandes empresas como *Rolling Stone*, Revista *Playboy*, *ESPN*, *Nike*, *Gillette*, entre muitas outras¹⁴. Como perfil social, no *Instagram*, o mesmo profissional dispõe obras que possuem um caráter eminentemente político, com ilustrações que se referem quase que exclusivamente a temas relevantes da política nacional.

Percebe-se que há uma cisão entre o trabalho profissional, consolidado em outras esferas, e o perfil social meticulosamente construído para alcançar um certo tipo de engajamento na rede social. A percepção (ainda que acidental ou incipiente) do artista de que os conteúdos que funcionam na rede social são muito diferentes daqueles exibidos comercialmente em outros contextos, é acertada, embora revele uma dissonância central. A construção de um perfil social específico para o *Instagram*, baseado em ilustrações que se referem a temas controversos e de grande repercussão, transforma o *feed* do artista em um produto ainda mais comercial do que as obras que o mesmo produz para clientes fora das redes. Ressalta-se que este não é um julgamento sobre a qualidade do trabalho do artista, mas antes uma reflexão sobre como a produção de valor a partir de perfis sociais em uma rede social pode ser ainda mais comercial do que uma relação de troca comercial tradicional.

As redes sociais produzem valor a partir dos dados inseridos pelos hábitos de navegação dos usuários. A condição principal para esta valoração é a presença (quanto mais constante melhor) do usuário dentro da plataforma. É a ideia, já bastante trabalhada, do engajamento (Eyal, 2014) como estratégia de monetização. Quanto mais dados relevantes os usuários inserem, mais preciso é o processo de venda de anúncios. Neste contexto, perfis que possuem grande número de seguidores e que mobilizam constantemente este público em interações, provavelmente possuem um valor maior para a rede social. Mesmo que o artista em questão (Cristiano Siqueira) não utilize seu próprio perfil para monetizar os conteúdos de outras formas, seu perfil é uma vitrine e um ponto de convergência de engajamento para milhares de usuários.

13 Obras apresentadas no endereço: <https://crisvector.myportfolio.com/featured-1>

14 Lista de clientes do profissional: <https://crisvector.myportfolio.com/about>

Um dos objetivos centrais deste estudo é justamente mostrar como o contexto econômico que orienta a ação das plataformas das redes sociais pode interferir no tipo de conteúdo produzido para elas. Ainda que o artista estudado não produza racionalmente conteúdos para engajamento, as obras que ele exibe no *Instagram* demonstram claramente um alinhamento com o tipo de conteúdo que alcança marcas similares na mesma rede. As propriedades semióticas da criação estudada revelam como o artista se vale de eventos externos de grande repercussão para indicar objetos específicos e atingir interpretantes consensuais, que ativam nos intérpretes ações de reforço e validação. É provável que o artista não perceba o quanto suas obras são moldadas para se adequar aos ditames da plataforma, mas os efeitos práticos desta adequação são metrificados pelos índices de engajamento de seus *posts*. O que, de alguma maneira, faz com que o artista siga produzindo trabalhos nesta lógica de *feedback*, onde o engajamento obtido reforça o “acerto” do artista em efetivar uma comunicação.

O círculo vicioso observado submete as criações na rede a um conjunto de linguagens e recursos semióticos extremamente limitados, que são acessados em detrimento de uma “abertura” de sentidos capaz de promover reflexão, debate e impacto político. O aspecto mais contraditório do processo estudado é, portanto, o fato de que o conteúdo de uma militância virtual pode representar, a um só tempo, esvaziamento de ação política efetiva e desidentificação aditiva. Enquanto as plataformas e perfis se promovem a partir de conteúdos polarizadores e de cunho político, os usuários se relacionam com tais conteúdos de maneira ativa, expressando sua adesão política de maneira absolutamente explícita. Enquanto adesão, as expressões dos usuários (metrificadas pelas funcionalidades de design das plataformas) demonstram ao menos o desejo de vinculação a um contexto crítico de debate, resistência e ação política.

Referências

BENTES, Ana. **Quase um tique: Economia da atenção, vigilância e espetáculo em uma rede social**. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, 2021. 254 p.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford University Press, 1999, 286 p.

_____. **Evolution and memes: The human brain as a selective imitation device**. *Cybernetics and Systems: An International Journal*, 2001.

- CAMPOS, Haroldo de. *Ideograma — Lógica, Poesia, Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- CANNIZZARO, Sara. **Internet memes as internet signs: A semiotic view of digital culture**. *Sign System Studies*, 2016, p. 581/582
- CLEMENTS, Paul et al. **Documenting Software Architectures: Views and Beyond**. Addison-Wesley Professional; 2nd ed. edição, 2010, 537 p.
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Editora Ubu, 2016, 144 p.
- _____. **Suspensions of perception: Attention, spectacle & modern culture**. MIT Press, 2000, 412 p.
- EYAL, Nir. **Hooked: How to build habit-forming products**. São Paulo: Portfolio, 2014, 256 p.
- LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. São Paulo: Intrínseca, 2018, 192 p.
- LISZKA, James Jakób. **A General Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce**. Indiana University Press, 1996.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Editora Vozes, 2015.
- MOELLER, Hans-Georg. **Selfie Politics: The Political Commodification Of Yourself**. *Kritike Metaporika Denkbild*, 2021.
- MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: Queers of color and the performance of politics**. U of Minnesota Press, 1999.
- PEIRCE, Charles S. **Collected papers of Charles Sander Peirce**, v. I-VIII, Harvard University Press, 1931-58.
- PEIRCE, C.S. **The Essential Peirce, I**, Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- PEIRCE, C.S. **The Essential Peirce, II**, Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia et al. **Por uma semiótica não tergiversante: análise do site Conductor-MTA.me**. *LÍBERO*, n.28, p 37-76, 2011.

Como referenciar

RIBEIRO, V.C.; ROCHA, Juliana. Militância e Design na era das plataformas virtuais: uma análise semiótica da "memeficação" do engajamento político. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 79-101, jan./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.78884>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 31/08/2023 | Aceito em 23/11/2023